



PILETTI, Nelson. **Educação brasileira: a difícil democratização.** Florianópolis: Edição do Autor, 2020 (280 p.).

## **Apresentação: Nelson Piletti faz 75 anos**

**WALTER PRAXEDES\*\***

Nelson Piletti completa 75 anos tecendo pacientemente a sua trajetória como uma imensa rede que une os fios de uma vida pessoal e pública intensa. Professor por profissão e educador por vocação desde a sua juventude, esta é apenas uma dimensão do caminho que vem percorrendo este intelectual que também intervém nos debates públicos como acadêmico rigoroso em suas pesquisas educacionais e historiográficas, escritor e jornalista, autor de uma importante obra de investigação, divulgação científica e de formação educativa e

\* **WALTER PRAXEDES** é Cientista Social, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade estadual de Maringá (PR).

ativista político engajado na busca de soluções para os problemas da nossa sociedade.

E tudo isso em uma combinação bem sucedida e improvável com o cultivo contínuo dos laços afetivos e do cuidado com os familiares e amigos, jamais desprezando a oportunidade de uma convivência alegre em um churrasco gaúcho, acompanhado de preferência por um bom vinho de procedência das uvas do vale do rio Buratti, no Rio Grande do Sul, onde nasceu em 18 de agosto de 1945 e viveu sua infância em uma família descendente de imigrantes italianos, camponesa e católica, fonte identitária do seu marcante estilo de vida humilde, despojado e prudente, ao mesmo tempo arrojado e realizador.

Na difícil transição para uma ainda incipiente vida urbana na cidade interiorana de Bento Gonçalves, Nelson e sua família sofreram um duro golpe das circunstâncias. No dia 21 de julho de 1953, com apenas 35 anos, José, o pai, faleceu vítima de um acidente de trabalho em um incêndio em uma instalação da Cooperativa Aurora, deixando a esposa, Josefina, e os filhos Nelson, com 7 anos, e seus dois irmãos, o mais velho, Claudino e o caçula, Balduino.

O acesso difícil à educação escolar, as condições de vida da família e a cultura religiosa católica pesaram para que ainda menino, aos 11 anos, Nelson já se encontrasse entre os aspirantes a uma vida eclesial no Seminário São José de Nova Prata, se transferindo logo depois para o Seminário Nossa Senhora Aparecida de Caxias do Sul, no qual estudou e se preparou para o sacerdócio até 1964.

Já próximo dos 20 anos, Nelson passou a estudar Filosofia no Seminário Imaculada Conceição de Viamão.

Embora se situasse próxima da capital Porto Alegre, Viamão era ainda uma localidade rural e periférica e pouca gente imagina hoje que o seu Seminário se tornaria um dos mais importantes do país e o terceiro maior do mundo, proporcionando aos seminaristas e professores a convivência em um efervescente meio formativo com uma rica cultura humanística, um grande dinamismo religioso e um intenso engajamento cultural e político.

Sem os inebriantes anos de sua formação no Seminário de Viamão, entre 1965 e 1967, logo em seguida ao Golpe de 1964 e em meio à efervescência dos primeiros anos de resistência à consolidação de um Regime Militar no País, não poderíamos entender como o menino que se banhava nas águas do pequeno rio Buratti se tornaria um jovem motivado pelas aspirações mais radicais da juventude em todo o mundo, mobilizando sua fé para a transformação do mundo e da Igreja Católica, revalorizando a vida em comunidade dos primeiros cristãos, se aproximando empaticamente da experiência dos pobres em busca da igualdade e da libertação da opressão.

Na sua formação seminarista Nelson aprendeu a estudar os textos filosóficos e científicos e a se dedicar à sua reelaboração e à construção do conhecimento, mas sempre inspirado pelo princípio escolástico da clarificação que desde Tomás de Aquino ensina que o homem de letras, seja um sacerdote, um profissional leigo da educação ou um escritor, deve dedicar a sua vida a ensinar e a escrever para difundir o saber com uma forma de expressão oral e escrita que esclareça os conhecimentos elaborados de acordo com a capacidade de entendimento do leitor ou ouvinte.

E é a partir desse princípio da clarificação que a história do Brasil e do mundo são rememorados, analisados e comentados numa obra didática escrita em parceria com seu irmão Claudino Piletti no início do processo de redemocratização do Brasil, na década de 1980, e que marca várias gerações de professores de história e estudantes brasileiros pelo seu conteúdo inovador, de linguagem acessível, crítico e engajado que só poderia ter como título “*História e vida*”.

O mesmo princípio orienta a elaboração do livro *Educação básica, da organização legal ao cotidiano escolar*, publicado em parceria com Geovanio Rossato, no qual o emaranhado e complexo ordenamento jurídico que comanda o sistema educacional no Brasil é traduzido para uma linguagem crítica, precisa e acessível ao mesmo tempo.

Os textos que compõem este livro estão relacionados a esse percurso formativo do Nelson por inúmeras afinidades. As circunstâncias que envolveram a tentativa de realização do XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes, em 1968, fazem parte da memória de toda uma geração e da história política do Brasil aparecem narradas no sexto capítulo, mas já com uma certa nostalgia retrospectiva em uma escrita que ocorre meio século depois daqueles acontecimentos.

A difícil decisão de deixar o Seminário e se transferir para o Curso de Filosofia na Universidade de Caxias do Sul, seguida pela sua designação para participar do XXX Congresso da UNE, que ocorreria em outubro de 1968, na zona rural de Ibiúna, no interior de São Paulo, e a prisão junto às centenas de estudantes que participariam do evento de oposição ao Regime Militar em vigor, provocariam a mudança de

Nelson para São Paulo e o recomeço de sua trajetória.

Mudando para São Paulo em outubro de 1970, Nelson realiza os cursos de Jornalismo e Pedagogia, que depois o levariam ao mestrado, ao doutorado e à livre-docência na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na mesma época em que passa a trabalhar como professor na educação básica e no ensino superior. Em São Paulo Nelson conhece e se casa com a Maria Ângela e têm os filhos André, Fernando e Luciana que, por sua vez, lhe trouxeram os netos Thomas, Lucas e Lorenzo.

\*\*\*

Devemos a Fernando de Azevedo uma imprescindível e vasta obra de interpretação da cultura brasileira, infelizmente hoje pouco consultada, passando pela institucionalização do ensino de sociologia no Brasil e a introdução da obra do sociólogo francês Émile Durkheim no país. Por sua atuação como professor e orientador de dissertações e teses, Fernando de Azevedo seria lembrado pelo seu orientando e assistente na Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia da USP, Florestan Fernandes, como “mais arejado, uma pessoa de centro, um radical burguês, um socialista, reformista, defensor de uma social-democracia civilizada na periferia”.

E como se não bastasse tudo isso, tanto como teórico quanto como gestor educacional, Fernando de Azevedo foi um conseqüente “pioneiro” na luta pela educação pública de qualidade. Ao Nelson devemos alguns trabalhos acadêmicos rigorosos de análise e interpretação, dotados da qualidade política necessária para enfatizar as vicissitudes da luta da até hoje inalcançada democratização da

educação brasileira, e que servem como pontes entre as novas gerações de estudiosos da educação e a obra de Fernando de Azevedo, um incansável defensor da “renovação educacional”, mediante uma “política científica de educação”, como bem recorda Nelson.

Felizmente temos a oportunidade de ler vários desses textos agora reunidos nesta coletânea, a começar pelo primeiro capítulo: “Como “encontrei” Fernando de Azevedo”, seguidos por alguns trabalhos acadêmicos e de divulgação científica já editados anteriormente como “A profissionalização compulsória no ensino de 2º. Grau: considerações críticas”, “Ensino médio: a democratização necessária” e “A educação brasileira em tempos de democratização”.

Na obra biográfica em que tive a satisfação de ser o seu parceiro, *Dom Helder Camara – o profeta da paz*, Nelson trata detalhadamente a longa trajetória do inesquecível arcebispo de Olinda e Recife, mesmo assim ele selecionou para este livro apenas um capítulo que trata do protagonismo de Dom Helder em defesa das iniciativas voltadas para a educação popular na década de 1960. Provavelmente, o que pesou para essa escolha foi a sua identidade com o lema título da cartilha do Movimento de Educação de Base e que ele também utiliza para nomear o capítulo: “Viver é lutar”.

Outros dois capítulos deste livro revelam uma espécie de movimento pendular do pensamento e da ação educativa do Nelson em relação às concepções educacionais que o mobilizam. No capítulo que recorda a trajetória do seu saudoso e querido amigo José Mário Pires Azanha, sobre o qual orientou uma magistral tese de doutorado, de autoria de Raymundo de

Lima, a educação escolar é valorizada em seu significado mais estrito e institucional. Já no capítulo sobre Maurício Tragtenberg, que é uma republicação do prefácio ao belíssimo livro de Antonio Ozaí da Silva, *Maurício Tragtenberg militância e pedagogia libertária*, também resultado de uma tese orientada por Nelson, o enfoque recai sobre as pedagogias libertárias, a valorização do autodidatismo e do anarquismo presentes na obra teórica, no magistério e na ação política de Maurício, rememorados e analisadas no livro do Ozaí.

Os textos deste livro estão distribuídos em capítulos bem diferenciados, uns mais longos do que outros, sejam textos redigidos em estilo científico monográfico, artigos de divulgação científica, ensaios, memórias, artigos de opinião, prefácios de livros, mas todos eles estão relacionados à educação como uma dimensão histórica da vida social, cultural, econômica e política dos brasileiros, fazendo com que recordemos aquilo que nos ensina Fernand Braudel, quando escreveu que “toda história é necessariamente mundial”. Os textos que vamos ler a seguir foram escritos ao longo da trajetória de Nelson Piletti e sintetizam a sua história de vida como expressão de um longo, conflituoso e instigante período da história do Brasil e dos brasileiros.

## **Prefácio: Um verdadeiro educador**

**JAIME PINSKY\***

Ao longo de mais de 70.000 anos o homo sapiens foi inventando e descobrindo coisas. Quando ele aprendeu a lidar com o fogo e passou a assar sua carne verificou que a comida ficava mais digestiva, mais fácil de processar, ao contrário do que acontecia com os demais animais, que ainda a devoravam crua. Aos poucos ele aprendeu a compensar algumas deficiências com que tinha nascido, aproveitando-se do que a natureza tinha oferecido a outros. Assim, utilizava peles de animais peludos para se proteger do frio, criou instrumentos para cavar, já que não possuía garras e suas unhas não eram muito eficientes; também aprendeu a atirar pedras (algo que poucos animais faziam) e a fabricar lanças para abater animais. Dessa maneira passou a abater animais maiores e se tornou temido, podendo escolher como viver, que rios utilizar, em que cavernas morar.

Aos poucos o ser humano foi se tornando o mais forte, o mais eficiente, o mais capaz de todos os animais. Mas o grande salto iria ocorrer quando ele, além de aprender, aprendeu a transmitir o aprendido. Cada achado era passado aos companheiros do grupo que, por sua vez, transmitiam aos vizinhos, provocando um processo lento, porém

---

\* **JAIME PINSKY** é historiador. Completou sua pós-graduação na Universidade de São Paulo, onde também obteve os títulos de doutor e livre-docente. Foi professor na atual Unesp, na própria USP e na Unicamp, onde foi efetivado em concursos de professor adjunto e professor titular. Possui mais de duas dezenas de livros publicados. Fundou, em 1987, a Editora Contexto, da qual é sócio-diretor e editor.

seguro de transmissão oral de conhecimento. A mudança fundamental iria ocorrer quando, tempo depois, o homem aprendeu a registrar suas descobertas, a anotar dados de sua produção rural e a, lentamente, anotar não mais apenas o que comia, como produzia, mas suas observações sobre o que via na natureza, os animais, as plantas, o céu, as estrelas e... seus pensamentos. A capacidade de abstrair, de falar e escrever não apenas sobre coisas concretas, mas sobre sentimentos, transmitir para outras gerações suas emoções, que passo fantástico o homem deu nesse momento histórico.

Sim, esta é a principal diferença entre o ser humano e os demais animais. Não que sejamos os únicos animais econômicos, há tantos por aí com capacidade de organizar sua produção, definir funções no grupo, prover para momentos mais difíceis, alimentar os pouco capazes de lutar pela sua própria comida. Organização social? Há até dúvidas de que a nossa seja a mais eficaz do que a de muitos animais... Tentamos tantos sistemas e não conseguimos até agora nos definir por alguma coisa satisfatória, uma sociedade que não tenha ricos e pobres,

gente marginalizada, poderosos arrogantes, corrupção, justiça de classe e tantas outras coisas que limitam nossa democracia... Então o que nos diferencia, em que somos únicos? Ora, na capacidade que temos de produzir, organizar, armazenar, transmitir e consumir cultura, tanto a material quanto a imaterial.

E aí entra o papel de livros como este. É um educador falando sobre Educação e, de modo particular, de um educador extraordinário, Fernando de Azevedo. Nelson Piletti escreve com conhecimento de causa, professor que foi em vários níveis, professor de professores, a categoria mais elevada que um ser humano pode atingir (se considerarmos a importância da Educação no processo histórico que estabelece a diferenciação entre o homo sapiens e os demais animais). Nelson escreve com a serenidade que herdou de sua gente, esse pessoal que dobrou a terra para que esta lhe desse o que eles desejavam. Não é por outro motivo que ele, com a tranquilidade dos que buscam a verdade, não abre mão da veemência, talvez uma herança indireta dos profetas sociais.

Dá para recomendar um livro mais do que isso?